

A escola face aos desafios para ser contemporânea

Vani Moreira Kenski

Faculdade de Educação/Universidade de São Paulo (USP).

Diretora da SITE Educacional Ltda

Resumo: Reflexões sobre o processo específico de educação realizado pela escola, em todos os seus níveis e modalidades. Os desafios postos pela cultura do digital recaem para a necessidade de mudar a escola, no formato que a conhecemos, para que ela continue a ser relevante como instituição social crítica, transformadora e inclusiva na contemporaneidade.

Palavras-chave: educação escolar, cultura do digital, transformações disruptivas

Educação é um processo contínuo de desenvolvimento que vivenciamos de formas diferenciadas ao longo da vida. Somos seres sociais, portanto a educação de cada um reflete relacionamentos, aprendizagens, vivências, hábitos e valores pessoais, na maior parte das vezes orientados pelas culturas que nos envolvem desde que nascemos. Novas realidades surgem e permeiam nossa permanente formação durante toda a vida.

A educação escolarizada é parte significativa dessa formação. Conhecimentos oferecidos pela escola, de todos os níveis e tipos, refletem os anseios da sociedade em relação aos conhecimentos e ações que todas as pessoas, sobretudo as novas gerações, precisam aprender. A formação escolar é coletiva, mas seus resultados são observados, avaliados e considerados no desempenho individual.

A escola é uma instituição social. Uma instituição política. Normas propostas pela política educacional, traduzidas em processos e práticas pelo sistema escolar, evidenciam aspirações, valores e necessidades profissionais e sociais de cada época. Evidenciam também ideologias e determinações econômicas e culturais que os detentores do poder definem para o sistema escolar em todas os seus níveis e formações.

Sem perceber as grandes mudanças gradualmente produzidas na cultura local e global pelo digital, a maior parte das instituições escolares transitaram nas últimas décadas de forma linear e gradual, sem maiores

alterações. Para muitos espaços de formação, o digital era um mundo paralelo, sem correspondências com o pensar e o fazer escolar. Nesse mesmo tempo, a sociedade se transformou de forma cada vez mais acelerada. A “aldeia global” prevista por McLuhan nos anos 60, foi bem além das perspectivas ditas pelo sociólogo canadense. Nas últimas décadas, o digital evoluiu e se agigantou. Englobou todo o mundo e, nessas mudanças, definiu novas formas de acessar informações, se relacionar, comunicar e aprender. Uma nova cultura, transnacional, altera nossas formas de pensar, agir, sentir... comunicar.

A evolução tecnológica do digital é rápida, constante, disruptiva, global. Reverbera na sociedade, na cultura. Assim, no início deste século, Bianchetti (2001, p. 34) já dizia da volatilidade das, assim chamadas na época, “tecnologias da informação e comunicação”. Reflete também sobre a necessidade de compreendê-las não como matérias mas como formas simbólicas, que interferem nos processos culturais e exigem maior conhecimento e capacidade de abstração.

Os contínuos avanços disruptivos das tecnologias digitais é compreendido por Santaella, já em 2022, como

“o sétimo ciclo cognitivo da humanidade, marcado pela dataficação e plataformização. As novas funções que os algoritmos adquiriram com a inteligência artificial e todos os seus desdobramentos produziram consequências sociais, psicológicas e ambientais da cultura que deram origem ao “Neo-Humano”.

Como podemos verificar, as mudanças ocorridas nos últimos vinte anos – das chamadas TIC ao “neo-humano” – não foram evolutivas, mas disruptivas. Gerações tecnológicas de bases diversas que alteram nossas práticas e nossas compreensões. Mais ainda, nossos repositórios tecnológicos, em muitos casos, se perdem, ficam inacessíveis, quando alteramos nossas formas de atuação digitalmente mediadas.

Essas transformações disruptivas alcançam todos os cantos do mundo. Toda a sociedade global – e nisto se incluem pessoas isoladas e grupos sociais; instituições públicas e privadas; espaços vivenciais, profissões, processos culturais, comportamentos, valores etc... - está em contínuo e disruptivo processo de transformação. Mudanças radicais que alteram o individual, o coletivo, o social e cultural e as formas de pensar, sentir, agir... viver.

Essas transformações não indicam a prevalência de bem-estar social ou do completo acesso à comunicação e pleno emprego para todos. Ao contrário, os avanços digitais geram conflitos, desigualdades, desinformações generalizadas em todo o mundo.

Mudanças tecnológicas aceleradas levam instituições globais a se reunirem para discutir sobre o futuro de todos os povos e as transformações necessárias para garantir condições melhores de vida e educação para todos. Elas compreendem que é preciso mudar

“...renovar a esperança mundial, o estímulo para que os governos e os povos de todo o mundo trabalhem juntos para alcançar um futuro sustentável, de paz, dignidades e direitos” (UNRIC, 2020).

Esses propósitos coletivos, apoiado por quem se preocupa com melhores condições de vida para todos, nesses tempos de mudança, são posicionamentos relevantes para orientar a educação escolar no sentido de contribuir para

“Operar uma revolução global total, avançar em frente em direção a um futuro incerto, desconhecido, melhor.” (UNRIC, 2020)

Sim, o futuro é incerto. A escola que, tradicionalmente, tinha entre seus objetivos centrais o de “preparar os estudantes” para um futuro previsível, precisa mudar seus propósitos para continuar preparando-os para o futuro “desconhecido” e, que esperamos seja, talvez, “melhor”.

Historicamente, a medida que a sociedade mudou, a escola, de forma sutil, se transformou. Da matriz de formação de reprodutores do saber do início do século passado – de acordo com as necessidades da sociedade fabril da época – ela foi passando por alterações periódicas, em seus formatos, práticas e conteúdos.

Na medida em que a sociedade – e a economia – se transformou, a escola se movimentou para buscar atender a novas necessidades. Novas metodologias e propostas educativas em atualização constante demandaram a formação continuada dos aprendizes e de seus professores.

Em todos os tempos, a escola tem buscado dialogar em suas práticas com o social e o atual, de cada época. Essas ações ocorrem, primordialmente, nas relações com as práticas, as metodologias e os conteúdos propostos e previstos em seus planos curriculares. Por outro lado, o seu formato, estruturas e temporalidades permanecem praticamente os mesmos. Ainda que esteja a serviço da sociedade, a escola pouco se transforma estruturalmente.

Os mesmos tempos, períodos, organizações, formações e avaliações se apresentam quase iguais para diferentes gerações de alunos. Com algum esforço, a escola muda mas não se altera. A sala de aula é o símbolo constante dessa resistência. Nela, gerações de estudantes vivenciam

conteúdos e práticas novas, mas a rigidez dos rituais escolares que perpassam o ato de ensinar em si ainda é, basicamente, a mesma.

Este é apenas um dos múltiplos problemas da educação escolar para tempos plenos de mudanças, como o que estamos a viver na atualidade.

A escola, como instituição social, é um espaço profissional com normas, princípios, políticas, tempos, métodos e procedimentos exclusivos. Os profissionais que nela atuam possuem formações específicas para as diversas funções (professores, gestores, técnicos e auxiliares diversos...) que ali exercem e as responsabilidades que assumem, em consonância com normas e processos construídos e definidos segundo diretrizes econômicas e políticas. Ações previsíveis para as quais foram formados e que se configuram como “estruturas” rígidas, contínuas, seriadas e com muito pouca articulação, integração e mixagens.

As transformações disruptivas da sociedade atual fragilizam essas construções hierarquizadas e estanques. Rupturas. Criam-se abismos entre as práticas e valores atuais das pessoas e da cultura contemporânea e as tradicionais ordenações escolares.

Conectadas, pessoas de todas as idades e de todo o mundo se movimentam nas plataformas e redes digitais ao mesmo tempo. A multidimensionalidade e a ubiquidade das novas competências digitais redefinem a hierarquia dos conteúdos a serem aprendidos; as temporalidades do ensinar; as agregações humanas e máquinas em ação no ato de aprender. Tudo é possível de ser informado e aprendido a todo o tempo, de qualquer lugar. Mais ainda: as informações nos alcançam e estabelecem mediações com nossos pensamentos, sentimentos, nossas ações.

Como propósito, de forma ampla, as escolas, de todos os níveis, precisam se adequar às novas realidades sociodigitais em que se situam. Desafio enorme para uma instituição que assume para si a difícil tarefa de garantir, a cada estudante, a melhor formação para um futuro incerto, de acordo com distintas perspectivas: pessoal, local e global. Esses propósitos estremecem as estruturas vigentes na cultura escolar tradicional.

Entre muitos outros fins, como instituição social, a escola de todos os níveis tem como principal compromisso a formação de seus estudantes. Ou seja, ela precisa agir em perspectiva para garantir as melhores condições de sucesso ou, pelo menos, de sobrevivência digna de cada um, no presente e no futuro. Este compromisso social e educacional a leva, como prática, à necessidade de diálogo constante, contínuo, com a realidade vigente, na busca de seus prognósticos e projeções para o futuro.

Como todas as demais instituições da sociedade, a escola recebe impactos da nova realidade econômica, social e cultural ocasionados pelas transformações disruptivas e os processos híbridos, ubíquos e multidimensionais da cultura do digital. Estudantes e professores estão imersos nesta nova realidade, mas a escola, na maioria das vezes, ainda não. Ela resiste não por conta do desejo de seus participantes, mas pela estrutura não flexível e complexa que regulamenta suas ações, seu existir.

No auge da pressão social externa para a transformação, a escola assume um processo diferenciado de inclusão dos meios digitais que se configuram, algumas vezes, em processos isolados (em disciplinas ou atividades exclusivas) de ação.

Diferente de muitas outras instituições sociais que se transformaram radicalmente com a inserção massiva do digital, a estrutura escolar não muda. Ela permanece rígida em seus horários e calendários. Mantém a tradicional forma linear, hierarquizada e gradual de organizar seus tempos e espaços; as seriadas disciplinas e seus conteúdos; a hierarquia linear dos alunos em turmas e a delimitação dos espaços físicos de ensinar: as “salas de aula”. A mudança sutil, quando há, se dá ao incorporar o digital como ferramenta, recurso... um meio para ser aparentemente atual, sem transformar ou ir mais além, no essencial.

A escola que se utiliza do digital como recurso, trafega de forma ingênua nas relações com esta nova cultura e com o novo ser que habita os povos conectados. O uso operacional do digital não auxilia o conhecimento dessa cultura cibernética que permeia nossas relações na atualidade e dos riscos implícitos de sua utilização. Não ajuda também no posicionamento crítico e na percepção de suas vantagens, possibilidades e também dos seus danos.

A adesão operacional das escolas aos “recursos telemáticos” e a adequação de suas práticas ao meio digital representa, algumas vezes, a submissão do ensino e do processo de aprendizagem às estruturas e contingências de cada aplicativo, recurso ou redes. A submissão aos procedimentos técnicos dos produtos interativos em classe não considera o foco essencial do processo de ensinar, ou seja, o usuário – professor ou estudante - que irá utilizá-lo, as finalidades, os tempos e o local onde ele será utilizado.

As tecnologias digitais que precisamos já estão em nós. Somos, já, os “neo-humanos”, apontado por Santaella. E precisamos da escola. Uma nova escola ubíqua, híbrida, multidimensional. Uma escola aberta, inclusiva, para todos.

Em novos sentidos, a escola pode iniciar sua transição por meio de algo que a identifica em sua estruturação rígida: “seus pilares”. Neste sentido, um ponto de partida pode ser o de buscar nos “Pilares para a Educação no

Século 21” - apresentados pela UNESCO no relatório “Educação: um tesouro a descobrir” – não as formas para ensinar aos seus estudantes, mas para se transformar, como Escola Contemporânea. Refletir, a partir dessas estruturas propostas pela agência internacional , para:

- “aprender a fazer” diferente com todas as mediações, interações e inclusões do digital”;
- “aprender a conviver” com pessoas e o digital ampliado, de forma diversa e inclusiva, envolvendo inteligências integradas em múltiplos espaços híbridos, plenos, naturais, virtuais, metaversos e os que virão;
- “aprender a conhecer”, pelo questionamento, pelo desafio, pela crítica, pelo respeito à diversidade, pela inclusão. Integrar seres, espaços, pensamentos, sentimentos, críticas e descobertas.
- “aprender a ser”, ao fortalecer a consciência social e sua responsabilidade na construção de uma sempre nova sociedade não tão desigual.

Esse compromisso para a escola é urgente e extremamente necessário, pois, como diz Harari em publicação recente (2023), “...se nós continuarmos a fazer as coisas como sempre, as capacidades de IA serão usadas para obtenção de (cada vez mais) lucro e poder, mesmo que isso destrua as fundações da nossa sociedade”.

Para ser contemporânea e exercer o papel que lhe é outorgado e desejado pela sociedade, em todos os tempos, a escola precisa mudar radicalmente. Ser veloz, inclusiva e possuir capacidade para sua permanente adaptabilidade, ou seja, o constante reinventar diante das mudanças, que sempre vem.

Referências bibliográficas

- BIANCHETTI, Lucídio. *Da chave de fenda ao laptop*. Tecnologia digital e novas qualificações: desafios à educação. Petrópolis/Florianópolis: Editora Vozes/Editora da UFSC, 2001.
- HARARI, Yuval; HARRIS, Tristan; RASKIN, Aza. “Humanidade precisa dominar IA antes que ela nos domine”. GONÇALVES, Luiz Roberto M. (Trad.). Publicação original: New York Times. Opinion. In: <https://www.nytimes.com/2023/03/24/opinion/yuval-harari-ai-chatgpt.html>. Disponível em www1.folha.uol.com.br/tec/2023/03/humanidade-

precisa-dominar-ia-antes-que-ela-nos-domine.shtml. Acesso em 5/04/2023.

SANTAELLA, Lucia. Neo-Humano: A sétima revolução cognitiva do Sapiens. São Paulo: Paulus Editora. 2022

UNESCO. "Educação: um tesouro a descobrir". São Paulo: Cortez Editora. 1997.

UNRIC: UNESCO. Década de Ação 2020: O Futuro Começa Hoje. Disponível em <https://unric.org/pt/decada-de-acao-2020-o-futuro-comeca-hoje/> Acesso em 5/04/2023.